

QUEM REALMENTE ESCREVEU A BÍBLIA

ANMOSTRRA

WILLIAM M. SCHNIEDEWIND

QUEM REALMENTE ESCREVEU A BÍBLIA

A história dos escribas



ALTA BOOKS
GRUPO EDITORIAL

Quem realmente escreveu a Bíblia

Copyright © 2025 Contra o Vento.

Contra o Vento é uma empresa do Grupo Editorial Alta Books (STARLIN ALTA EDITORA E CONSULTORIA LTDA).

Copyright © 2025 William M. Schniedewind.

ISBN: 978-65-53190-29-0

Translated from original *Who Really Wrote the Bible*. Copyright © 2024 Princeton University Press. ISBN 978-0-691-23317-8. This translation is published and sold by Princeton University Press, the owner of all rights to publish and sell the same. PORTUGUESE language edition published by Contra o Vento, Copyright © 2025 by STARLIN ALTA EDITORA E CONSULTORIA LTDA.

Impresso no Brasil – 1ª Edição, 2025 – Edição revisada conforme o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 2009.

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP) (BENITEZ Catalogação Ass. Editorial, MS, Brasil)

S361q

1. ed. Schniedewind, William M.

Quem realmente escreveu a bíblia : a história dos escribas /
William M. Schniedewind ; tradução Brian Kibuuka. – 1. ed. –
Rio de Janeiro : Contra O Vento, 2025.

386 p.; il.; 16 x 23 cm

Título original: Who Really Wrote the Bible.

Bibliografia.

ISBN 978-65-53190-29-0

1. Autenticidade bíblica. 2. Cânon bíblico. 3. Exegese bíblica
4. História bíblica. I. Kibuuka, Brian. II. Título.

05-2025/122

CDD 220.12

Índice para catálogo sistemático :

1. Bíblia : Autenticidade : Cânon bíblico 220.12

Aline Grazielle Benitez – Bibliotecária – CRB-1/3129

Todos os direitos estão reservados e protegidos por Lei. Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da editora, poderá ser reproduzida ou transmitida. A violação dos Direitos Autorais é crime estabelecido na Lei nº 9.610/98 e com punição de acordo com o artigo 184 do Código Penal.

O conteúdo desta obra fora formulado exclusivamente pelo(s) autor(es).

Marcas Registradas: Todos os termos mencionados e reconhecidos como Marca Registrada e/ou Comercial são de responsabilidade de seus proprietários. A editora informa não estar associada a nenhum produto e/ou fornecedor apresentado no livro.

Material de apoio e erratas: Se parte integrante da obra e/ou por real necessidade, no site da editora o leitor encontrará os materiais de apoio (download), errata e/ou quaisquer outros conteúdos aplicáveis à obra. Acesse o site www.altabooks.com.br e procure pelo título do livro desejado para ter acesso ao conteúdo.

Suporte Técnico: A obra é comercializada na forma em que está, sem direito a suporte técnico ou orientação pessoal/exclusiva ao leitor.

A editora não se responsabiliza pela manutenção, atualização e idioma dos sites, programas, materiais complementares ou similares referidos pelos autores nesta obra.

Produção Editorial: Grupo Editorial Alta Books

Diretor Editorial: Anderson Vieira

Editor da Obra: Eduardo de Proença

Vendas Governamentais: Cristiane Mutüs

Gerência Comercial: Claudio Lima

Gerência Marketing: Andréa Guatiello

Tradução: Brian Kibuuka

Assistente de tradução: Cláudia Montico

Revisão: Giovanni Pieroni

Projeto gráfico: Alessandra S. O. de Proença

Capa: cortesia da Biblioteca dos Pergaminhos do Mar Morto Leon Levy. Fotografia de Shai Halevi



Rua Viúva Cláudio, 291 – Bairro Industrial do Jacaré

CEP: 20.970-031 – Rio de Janeiro (RJ)

Tels.: (21) 3278-8069 / 3278-8419

www.altabooks.com.br – altabooks@altabooks.com.br

Ouidoria: ouvidoria@altabooks.com.br

Editora
afiliada à:



Sumário

Lista de Figuras	7
Prefácio à Edição Brasileira	11
Prefácio	19
Introdução: uma nova abordagem para a Bíblia	23
1. Escribas e seus aprendizes: comunidades em ação	35
PARTE UM – COMUNIDADES DE ESCRIBAS HEBREUS	65
2. O Início sob o Domínio Egípcio	67
3. A Serviço do Estado	93
4. Refugiados do Escritório de Escribas de Samaria	119
PARTE DOIS – OS COMEÇOS DA BÍBLIA	147
5. Novas Comunidades de Escribas	149
6. A Comunidade de Escribas Proféticos	163
7. Escribas entre o Povo da Terra	195
8. Mulheres nas Profissões	217
9. Comunidades de Escribas Sacerdotais: Jerusalém e a periferia	245

PARTE TRÊS – A SOBREVIVÊNCIA DAS COMUNIDADES

ESCRIBAIS 283

10. Comunidades de Escribas Exiladas: as histórias de Jeremias e Ezequiel 285
 11. O Templo Samaritano e Sua Comunidade de Escribas 315
 12. Esdras e Neemias: comunidades de escribas persas 341
- Conclusão 371

Lista de Figuras

1.1	Rótulo em alça de jarro de Gibeon	49
1.2	Kuntillet 'Ajrud ao longo da estrada de Tell el-Kheleifeh (Eilat) até Gaza	50
1.3	Desenho projetado de vários exercícios em um grande jarro de armazenamento de Kuntillet 'Ajrud	51
1.4	Lista administrativa ugarítica de aprendizes (<i>na 'ar</i>)	56
1.5	Título "Aprendizes do Comandante da Fortaleza" em Kuntillet 'Ajrud	57
1.6	De um selo: "Pertencente a Gemarias, filho de Safã"	58
1.7	Impressões do selo Bes e desenho das impressões B2-4	59
2.1	Papiro Anastasi I, <i>A Arte do Escriba</i>	72
2.2	Rei arameu Bar-Rakib com seu escriba	75
2.3	Inscrição em jarro de Laquis	81
2.4	Lista escolar de números hieráticos	83
3.1	Selo anepigráfico de Tell Summeily	94
3.2	Inscrição administrativa mais antiga, em hebraico, de Arad	104
3.3	Reconstrução de uma "sala de aula" em Deir 'Alla com texto litúrgico escrito a tinta sobre parede rebocada	114
4.1	Desenho do óstraco de Samaria n.º 18	126
4.2	"Rei em um Trono" em Kuntillet 'Ajrud	128
4.3	Escavações da "Muralha Larga"	130

4.4	Impressão samaritana com quatro asas e impressão judaíta LMLK com quatro asas	132
4.5	Impressão de selo de “Eliakim, Aprendiz de Yawkin”	134
4.6	Impressão de selo de Menaém, filho de Yehobanah	136
5.1	Desenho da inscrição do túnel de Siloé	152
5.2	Selo econômico e inscrição em peso <i>pîm</i>	157
5.3	“Uma carta de um soldado letrado”	159
6.1	Impressão de selo “Filho do Profeta” de Laquis	165
6.2	Óstraco de Laquis n.º 3, verso	168
6.3	“A Casa de Eliseu e o Quarteirão dos Filhos dos Profetas”	172
6.4	Placa com o nome “Eliseu”	175
6.5	Impressão de selo de “Isaías, (o) Profeta”	180
6.6	Impressão de selo de “Iddoyahu, filho de Isaías”	183
7.1	Crescimento e urbanização de Jerusalém	197
7.2	Representação artística do Forte Hashavyahu	209
7.3	Inscrição de Mesad Hashavyahu	211
8.1	Figura feminina sentada com a paleta de escriba sob seu assento, na vida após a morte	222
8.2	Inscrição em pequeno jarro de “Filha de Ya’ama”	226
8.3	Lista administrativa “Esposa de” de Jerusalém	228
8.4	Selo de “Hami’ohel, filha de Menaém”	230
9.1	Impressão de selo do “Filho de Immer” proveniente do Monte do Templo	249
9.2	Templo dentro da Fortaleza de Arad	251
9.3	Inscrição sacerdotal em tigela	253
9.4	Inscrição “Teu Irmão” de Bete-Semes	258
9.5	Amuleto 1 de Ketef Hinnom	260
9.6	Impressão de selo de “Azarias, filho de Hîlquias”	266
10.1	Recibo de cevada em cuneiforme com nome hebraico na lateral	292
11.1	Recinto sagrado da Idade do Ferro no Monte Gerizim	320
11.2	Templo samaritano do período persa	320
11.3	Templo helenístico com novo muro de delimitação	322

11.4	Capitéis proto-jônicos do recinto sagrado do Monte Gerizim	322
11.5	Inscrição em hebraico antigo do Monte Gerizim	324
12.1	Declínio e ascensão de Jerusalém desde a Idade do Ferro até os períodos asmoneus	347
12.2	Fragmento de um rolo do Gênesis em escrita paleo-hebraica, datado do século IV a.C.	360
13.1	Sinagoga de Magdala com púlpito para leitura do sábado	378

ANMOSTRRA

Prefácio à Edição Brasileira

A questão da autoria da Bíblia constitui um dos temas mais intrincados e decisivos para os estudos bíblicos e a historiografia do Antigo Oriente Próximo. Não se trata de uma mera indagação filológica ou de um debate sobre atribuições textuais, mas de uma investigação que toca a própria essência da transmissão da tradição religiosa, da construção da identidade literária e do papel das elites letradas na preservação da memória cultural. A Bíblia não é um livro de autoria única e linear, mas o resultado de séculos de produção, edição e compilação realizadas por escribas que operavam sob distintos regimes políticos e estruturas sociais.

Essa problemática insere-se em um campo mais amplo de reflexão sobre a passagem das culturas orais para a fixação escrita, bem como sobre os critérios que determinaram a sacralização de certos textos e a exclusão de outros do cânone religioso. A escrita, longe de ser um mero expediente técnico, foi sempre um instrumento de poder e, ao mesmo tempo, um mecanismo de estabilização das tradições. A compreensão da Bíblia como fenômeno literário exige, portanto, um exame minucioso das condições materiais de sua produção, da função dos escribas e das comunidades que garantiram sua continuidade e adaptação ao longo dos séculos.

A pergunta fundamental que norteia essa discussão não se restringe a um simples “quem escreveu?”, mas abrange “como, quando e por quê se escreveu?”. As Escrituras não surgem *ex nihilo*; são modeladas por contextos políticos e institucionais, refletindo disputas ideológicas,

deslocamentos populacionais e transformações religiosas. A investigação sobre os escribas hebreus nos conduz, assim, a uma compreensão mais profunda da história da Bíblia, situando-a no horizonte dinâmico das sociedades que a produziram.

William M. Schniedewind figura entre os mais proeminentes estudiosos contemporâneos da Bíblia Hebraica e da história da escrita no Antigo Oriente Próximo. Seu percurso acadêmico se distingue pelo rigor metodológico e pela abordagem interdisciplinar, conjugando filologia semítica, arqueologia e crítica literária na reconstrução dos processos que levaram à fixação dos textos bíblicos. Atualmente professor na Universidade da Califórnia em Los Angeles (UCLA), ele ocupa a cátedra de Estudos Bíblicos e Línguas Semíticas, consolidando sua posição como uma das principais referências na investigação das práticas escriturais do antigo Israel e Judá.

Ao longo de sua carreira, Schniedewind tem se dedicado à análise da formação do texto bíblico sob a ótica das comunidades de escribas, afastando-se das tradicionais hipóteses documentárias que buscam identificar fontes e autores individuais. Em sua obra seminal *How the Bible Became a Book* (2004), ele argumenta que a passagem da oralidade para a escrita na cultura hebraica foi condicionada por mudanças sociopolíticas, sobretudo a partir do exílio babilônico, quando a preservação da identidade nacional tornou-se uma preocupação central das elites letradas. Já em *A Social History of Hebrew* (2013), sua investigação aprofunda-se na evolução da língua hebraica, demonstrando como a escrita, mais do que um meio de comunicação, foi um instrumento de coesão social e redefinição teológica.

O mérito de Schniedewind reside não apenas na solidez de suas análises, mas na originalidade com que articula diferentes campos do saber para compreender a complexidade do processo de composição da Bíblia. Sua pesquisa combina a erudição filológica com uma leitura atenta das evidências epigráficas e arqueológicas, permitindo-lhe traçar um panorama abrangente das condições em que os textos foram produzidos, editados e transmitidos. Diferentemente de abordagens que privilegiam exclusivamente a exegese textual, seu trabalho enfatiza o papel dos escribas como mediadores culturais, responsáveis

por preservar e, ao mesmo tempo, transformar o legado literário do antigo Israel.

A publicação de *Quem realmente escreveu a Bíblia. A história dos escribas* representa o ápice dessa trajetória intelectual. Nessa obra, Schniedewind retoma e expande suas investigações sobre a escrita e a formação do cânone bíblico, aprofundando a análise do papel das comunidades escribais e de suas interações com as instituições políticas e religiosas. Seu estudo, sustentado por um impressionante aparato crítico, apresenta não apenas uma revisão da historiografia sobre o tema, mas uma proposta metodológica que redefine a compreensão da Bíblia como um fenômeno literário, social e político.

Quem realmente escreveu a Bíblia. A história dos escribas se impõe como uma análise magistral do papel dos escribas na configuração do texto bíblico. Partindo de uma crítica ao modelo tradicional que enfatiza a autoria individual e as hipóteses documentárias clássicas, Schniedewind propõe um deslocamento interpretativo: em vez de buscar nomes ou grupos específicos responsáveis por determinadas porções do texto bíblico, ele investiga as dinâmicas sociopolíticas que permitiram a emergência e a consolidação de tradições escritas. Seu objetivo não é apenas reconstruir a história da formação da Bíblia, mas compreender os mecanismos que governaram sua transmissão, edição e canonização.

O autor rejeita a concepção anacrônica da autoria como um ato singular e individualizado, característico da literatura clássica e moderna, e enfatiza o contexto coletivo da produção textual na Antiguidade. A escrita, em seu modelo, não era uma atividade isolada, mas um empreendimento institucional que se desenvolvia em ambientes específicos — cortes reais, templos, centros administrativos. Os escribas, longe de serem meros copistas, atuavam como agentes da memória cultural, adaptando e reinterpretando textos conforme as demandas políticas e teológicas de cada período.

Schniedewind estrutura sua investigação em três grandes eixos: a emergência das comunidades escribais no antigo Israel e Judá, o papel desses escribas na fixação e transmissão dos textos e, por fim, a sobrevivência dessas tradições ao longo dos séculos, até sua consolidação

na Bíblia Hebraica. A obra é enriquecida por um exame minucioso de inscrições epigráficas, comparações com práticas escriturais do Egito e da Mesopotâmia, além de uma crítica à visão excessivamente fragmentária dos estudos textuais modernos.

Ao demonstrar que a Bíblia foi o produto de um longo processo de escrita, reescrita e adaptação, Schniedewind desafia leituras essencialistas do texto bíblico e propõe uma visão mais matizada, na qual a escrita não é um ato definitivo, mas uma prática em constante negociação. Esse modelo permite compreender como diferentes camadas textuais se sobrepõem, como determinados gêneros literários foram introduzidos ao longo do tempo e como as elites escribais desempenharam um papel decisivo na configuração da tradição israelita.

Assim, a obra se destaca não apenas pelo rigor acadêmico, mas pela amplitude de sua proposta teórica. Ao deslocar o foco da autoria para a prática e a estrutura de *Quem realmente escreveu a Bíblia. A história dos escribas* segue uma progressão meticulosa, conduzindo o leitor da emergência das comunidades de escribas à consolidação do cânone bíblico. O livro está organizado em três partes, cada uma abordando um estágio fundamental na formação dos textos sagrados.

A Introdução, intitulada “Uma nova abordagem para a Bíblia”, estabelece as premissas fundamentais do estudo. Schniedewind argumenta que a compreensão tradicional da autoria bíblica — baseada na identificação de indivíduos ou escolas responsáveis por diferentes seções do texto — deve ser substituída por uma investigação das comunidades escribais e das dinâmicas institucionais que regeram a escrita e a transmissão textual. Ele rejeita a noção de que os textos foram concebidos como obras literárias autônomas e propõe um modelo em que a Bíblia emerge como um fenômeno cumulativo, resultado de séculos de intervenções e adaptações.

A Parte Um, intitulada “Comunidades de escribas hebreus”, dedica-se à análise das primeiras práticas escriturais no antigo Israel e Judá. No Capítulo 1, Schniedewind examina o aprendizado escribal, enfatizando que a escrita era uma habilidade adquirida em ambientes altamente especializados, onde mestres e aprendizes formavam redes fechadas de transmissão do conhecimento. O Capítulo 2 investiga

a influência do Egito nas práticas administrativas e na formação dos primeiros escribas hebreus, mostrando como o domínio egípcio modelou o aparato burocrático israelita. No Capítulo 3, o autor discute o papel dos escribas na administração estatal e na produção de documentos legais, históricos e diplomáticos. Já no Capítulo 4, ele explora o impacto da destruição do Reino do Norte, analisando como os escribas samaritanos que migraram para Judá contribuíram para a diversificação e ampliação da tradição literária hebraica.

A Parte Dois, “Os começos da Bíblia”, focaliza a transição da oralidade para a escrita e o papel das novas comunidades escribais nesse processo. No Capítulo 5, Schniedewind demonstra como diferentes grupos de escribas começaram a atuar fora do contexto estatal, associando-se a círculos religiosos e proféticos. O Capítulo 6 aprofunda a relação entre escribas e profetas, argumentando que muitos dos escritos proféticos não foram redigidos pelos próprios profetas, mas por escribas que registraram e adaptaram suas mensagens. O Capítulo 7 analisa a disseminação gradual da escrita entre diferentes camadas da população, enquanto o Capítulo 8 desafia a visão tradicional da atividade escribal como exclusiva dos homens, apresentando evidências da presença de mulheres em funções administrativas e literárias. No Capítulo 9, Schniedewind volta-se para os escribas sacerdotais, discutindo seu papel na preservação dos textos religiosos e na definição das tradições culturais de Jerusalém.

A Parte Três, “A sobrevivência das comunidades escribais”, examina os desafios enfrentados pelos escribas em períodos de instabilidade política e suas estratégias de adaptação. No Capítulo 10, o autor investiga a atuação dos escribas durante o exílio babilônico, demonstrando como a preservação das tradições escritas se tornou um elemento central da identidade dos judeus na diáspora. No Capítulo 11, ele analisa a relação entre escribas judeus e samaritanos, explorando as divergências e continuidades na transmissão textual. O Capítulo 12 trata do papel de Esdras e Neemias na reorganização da tradição escribal sob o domínio persa, destacando sua influência na fixação do texto que posteriormente seria canonizado como Bíblia Hebraica.

Na Conclusão, Schniedewind reafirma sua tese de que a Bíblia não pode ser compreendida sem uma investigação detalhada das comunidades que produziram, preservaram e editaram seus textos ao longo dos séculos. Ele argumenta que a história da formação do cânone deve ser lida como um processo dinâmico, no qual os escribas desempenharam um papel não apenas de copistas, mas de agentes intelectuais que redefiniram constantemente os significados e funções da tradição escrita.

A obra *Quem Realmente Escreveu a Bíblia. A história dos escribas* não se limita a apresentar uma nova perspectiva sobre a autoria da Bíblia, mas redefine os parâmetros da investigação sobre a formação do texto sagrado. A abordagem de William M. Schniedewind distingue-se por sua solidez metodológica, aliando análise filológica rigorosa, interpretação de fontes epigráficas e arqueológicas e uma leitura perspicaz da dinâmica sociopolítica que permeou a escrita e a transmissão textual no antigo Israel e Judá. Seu trabalho não se restringe a um exercício acadêmico isolado; trata-se de uma tentativa bem-sucedida de reformular a maneira como se entende a relação entre a escrita, a autoridade e a construção da identidade religiosa e política.

O mérito central do livro reside em sua capacidade de afastar-se das explicações tradicionais e anacrônicas, que frequentemente reduzem a formação da Bíblia a um processo de autoria individual ou de composição linear. Schniedewind demonstra, com farta documentação, que os textos bíblicos não foram concebidos como unidades coesas e imutáveis, mas emergiram como resultado de uma longa tradição de reescrita, edição e adaptação. Esse enfoque permite compreender a complexidade do corpus bíblico, mostrando que os escribas não eram simples copistas, mas intelectuais que desempenharam um papel fundamental na preservação e redefinição da tradição israelita.

Outro aspecto notável da obra é a maneira como o autor articula diferentes tipos de evidência para sustentar suas teses. A análise epigráfica, frequentemente negligenciada nos estudos bíblicos tradicionais, é explorada de maneira exemplar, permitindo que Schniedewind reconstituísse as práticas escriturais das diversas comunidades escribais. Incrições oriundas de sítios arqueológicos do Levante, documentos